

## TEORIA SOCIAL CLÁSSICA E MODERNIDADE: REFLEXÃO À LUZ DE KARL MARX

Iara Barbosa de Sousa<sup>1</sup>

### RESUMO

A presente reflexão tem enfoque no debate acerca de um clássico autor nas Ciências Sociais e sua relação com a modernidade. Dos pensadores da época, destacam-se Max Weber, Émile Durkheim e Karl Marx, onde este apresenta um pensamento bem diferenciado sobre o contexto social da época. Objetiva-se, assim, refletir sobre o pensamento de Karl Marx no contexto da modernidade, destacando, nesse sentido, uma aproximação ao pensador no que diz respeito à compreensão da realidade social. Para isso, a metodologia utilizada refere-se a uma análise bibliográfica sobre o período em questão tendo como subsídio os escritos de Marx, como também de outros autores que se dedicaram a essa temática. Considera-se que o pensamento marxiano é bastante relevante quando relacionamos as categorias utilizadas por esse teórico e sua forma de explicar a realidade.

**Palavras-chave:** Karl marx. Modernidade. Teoria social.

### 1 INTRODUÇÃO

As considerações a serem sistematizadas nesse texto apreciam um debate bastante pertinente nas Ciências Sociais: *a Modernidade*. Ademais, discute a Teoria Social Clássica de Karl Marx na medida em que a relaciona com esse projeto que fora consolidado mediante transformações sociais, no sentido de explicar as consequências do processo de modernização.

Nota-se, diante dessas transformações sociais, um novo olhar sobre o homem, revelado em pensamentos de diversos autores, a destacar: Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim. Giddens (1991) ressalta que o pensamento dos clássicos levou outros autores a se debruçarem nas ideias desses teóricos, principalmente quando se observa o debate sobre as mudanças ocasionadas com o desenvolvimento tecnológico e suas conseqüentes transformações sociais. Assim, o

---

<sup>1</sup> Graduação em Serviço Social na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Mestranda em Serviço Social, Trabalho e Questão Social na Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: iarabarbosa08@yahoo.com.br

modo particular desses teóricos expressa relações com a razão moderna, na medida em que a modernidade apresenta uma reflexão que passa a ser analisada tanto por ênfase na coesão social, bem como nos conflitos ocasionados por esta.

Algumas discussões são feitas com relação às Teorias Sociais Clássicas que, por vezes, são alvo de críticas diante da consolidação da sociedade capitalista. No entanto, o presente artigo não tem como foco esse debate, uma vez que requer uma discussão mais abrangente o que impossibilitaria um aprofundamento ao tema proposto para a sistematização.

A reflexão a ser sistematizada trata-se, portanto, da relação existente entre as Teorias Sociais Clássicas e o processo da modernidade que se consolida com a Revolução Industrial, onde se destacam algumas transformações na sociedade, como será referenciado no decorrer do texto. Esse debate foca, entretanto, no pensamento marxiano sobre a realidade social.

Para isso, parte-se de um questionamento: o que é a modernidade? Nesta sucinta discussão procura-se contribuir para uma reflexão dessa e de outras questões no âmbito das Ciências Sociais, uma vez que esse campo apresenta-se de forma ampla e diversa. Posteriormente aborda-se o processo da modernidade sob a perspectiva de Marx.

## **2 A MODERNIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS**

A filosofia greco-romana é um ponto inicial para o pensamento acerca do homem, onde o Renascimento, embora não seja um marco zero, apresenta-se como fundamental para se compreender a autonomia do homem, possibilitando descobertas que subsidiarão as construções acerca das teorias sociais posteriores a esse período. Nesse sentido, a ordem social tende a se modificar de acordo com algumas necessidades, e ocasiona um conjunto de transformações socioeconômicas, o que possibilita compreender a passagem do feudalismo para o capitalismo e, portanto, a repercussão social diante dessa transição.

Em meio a essas transformações, vários estudiosos referem-se a esse período como um momento de acontecimentos fundamentais para o que se caracteriza *modernidade*. Tal contexto, repleto de rupturas e continuidades

apresenta-se como tema relevante para a compreensão do processo histórico, sendo foco de vários estudos entre autores de diversas áreas.

A modernidade é, portanto, um tema bastante discutido no âmbito das Ciências Sociais, tendo a contribuição de vários autores como Giddens (1991), Ianni (2000), Rouanet (1998), dentre outros. Tais debates subsidiam a compreensão dos escritos acerca das Teorias Sociais Clássicas na medida em que direcionam o entendimento sobre a sociedade moderna, como também possibilitam uma aproximação às consequências sociais durante esse período.

Conforme Rouanet (1998), a passagem do feudalismo para o capitalismo marca um período de reconhecimento da centralidade do homem, onde o projeto civilizatório da modernidade, elaborado pela Ilustração europeia, apresenta três características fundamentais: a universalidade, a individualidade e a autonomia. Diante desse pensamento, o autor faz uma crítica aos teóricos que são considerados antimodernos, uma vez que para àquele não se explica uma revolta contra a modernidade sem ao menos a ter vivido, e afirma, portanto, um colapso nesse projeto civilizatório, quando diz que:

Trata-se de uma rejeição dos próprios princípios, de uma recusa dos valores civilizatórios propostos pela modernidade. Como a civilização que tínhamos perdeu sua vigência e como nenhum outro projeto de civilização aponta no horizonte, estamos vivendo, literalmente, num vácuo civilizatório. Há um nome para isso: barbárie (ROUANET, 1998, p. 11).

A respeito desse debate, observamos a contribuição dos autores no sentido de explicitar questões relevantes que apontam para a compreensão do projeto civilizatório da modernidade, como também para as consequências que, por sua vez revelam pontos negativos.

A modernidade, conforme Giddens (1991) era observada como “uma oportunidade” pelos pensadores clássicos da sociologia, como Marx e Durkheim. No entanto, para o autor, não apresenta apenas aspectos positivos, mas revela também alguns negativos.

A modernidade, como qualquer um que vive no final do século XX pode ver, é um fenômeno de dois gumes. O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno. Mas a modernidade tem também um lado sombrio, que se tornou muito aparente no século atual (GIDDENS, 1991, p. 16).

Ainda a respeito de aspectos negativos da modernidade, Ianni (2000, p. 132) afirma: “Nessa época já são bastante evidentes as condições e as consequências dos processos de secularização e individuação, ao lado da urbanização, industrialização e mercantilização”. Tal contexto passa a ser, assim, preocupação de diversos autores como Marx, Weber e Durkheim que contribuem de forma particular para a formulação de teorias sociais.

Diante de reações antimodernas e certo “esquecimento” do enfrentamento às consequências sociais do projeto civilizatório da modernidade, observa-se que algumas mudanças se fizeram necessárias quando Rouanet (1998, p. 13) afirma que “Resta o projeto de uma civilização neomoderna, capaz de manter o que existe de positivo na modernidade, corrigindo suas patologias”. Tal projeto corresponde ao Iluminismo que se constrói a partir da Ilustração, do liberalismo e do socialismo. No entanto, o autor afirma que por meio dessas correntes, o Iluminismo não está esgotado, mas que é possível afirmar que tais correntes são fundamentais para compreensão acerca do Iluminismo.

A Ilustração revela aspectos importantes para as mudanças ocorridas no âmbito sociopolítico, como a universalização, o individualismo, a autonomia intelectual e política. O liberalismo também afirma um ideal universalista e um foco individualizante que, por sua vez se volta para uma banalização da felicidade, onde “O descentramento se anula por um recentramento mítico, liberando o homem do mais difícil privilégio da modernidade, o de pensar e agir por si mesmo, com base em princípios gerais e abstratos” (IBID., p. 22).

Inicialmente, essa liberdade moderna não enfatizava, entretanto, a democracia, revelando uma insuficiência da autonomia política e econômica, o que passa a ser criticado por teóricos socialistas, uma vez que no liberalismo, a individualidade passa a ser “transformada” em individualismo. O socialismo, por sua vez, revelava a defesa de um universalismo “ampliado”, tendo a classe social como critério diferenciador para alcançar a autonomia que era considerada por essa corrente como segurança.

A incorporação de tais correntes contribuiu para a proposta de emancipação do homem, marcando o Iluminismo, que fora conhecido como “época das luzes”. As ideias deste projeto seguem uma função heurística e uma função prática a partir de valores agregados historicamente, revelando a consolidação da modernidade que

surge com as transformações tecnológicas; transição de ordem social, que consequentemente interfere nas relações sociais.

O ano de 1848 marca, portanto, um caráter objetivamente progressista do capitalismo. Nesse período o conhecimento é limitado pela burguesia para algumas finalidades, impossibilitando o acesso do proletariado ao que o mundo moderno estava disposto a proporcionar.

Alguns teóricos contribuem de forma relevante para explicar esse período, como também para a elaboração de teorias sociais que expressam pensamentos consequentes de uma época que vivenciou diversas mudanças, interferindo nas relações sociais.

Os teóricos Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim são considerados pensadores clássicos nas Ciências Sociais por seus escritos que revelam ideias particulares e de grande relevância para se pensar a sociedade moderna. Esses pensadores têm, respectivamente, um foco para a razão emancipatória, para o irracionalismo e para a miséria da razão. Os dois últimos focos “negam explicitamente que a totalidade social possa ser objeto de uma apreensão racional” (COUTINHO, 2010, p. 19).

As transformações sociais ocorridas com a modernidade permitem que se faça uma reflexão sobre as teorias sociais dos clássicos, possibilitando compreender a visão desses pensadores tanto sobre a realidade social, como também o caminho percorrido no âmbito de suas investigações. No presente debate toma-se como foco o pensamento de Karl Marx no contexto da modernidade.

### **3 O PENSAMENTO DE KARL MARX: UMA BREVE APROXIMAÇÃO**

Karl Marx foi um teórico que vivenciou acontecimentos do século XIX, também conhecido como o “século das revoluções”. Tal contexto permitiu, portanto, que a sua obra estivesse relacionada aos acontecimentos da época, na qual este pensador coloca-se a favor da classe trabalhadora e tem como objeto de estudo a sociedade burguesa em face do avanço e consolidação do capitalismo industrial. Percebemos dois aspectos fundamentais em seu pensamento, segundo Ianni (1992, p. 8), “o materialismo dialético e o materialismo histórico são os dois elementos

principais e conjugados do mesmo processo teórico-prático de reflexão sobre o capitalismo”.

A teoria social elaborada por Marx é, dessa forma, resultado de uma observação e explicação da sociedade burguesa e consolidação do capitalismo, onde o pensador se deteve a acontecimentos que se referem ao século XVIII, resultando em diversas transformações. Giddens (1991) observa que Marx considera a existência de uma nova ordem social emergente com a modernidade: *uma ordem capitalista*. Esse ponto é criticado tanto por Weber quanto por Durkheim.

A sociedade burguesa representa uma transformação das relações socioeconômicas interferindo, em vários aspectos na vida social, pois “A agricultura transforma-se mais e mais em simples ramo da indústria e é dominada completamente pelo capital” (MARX, 1992, p. 69). Concorde-se que – devido o século XVIII ter sido marcado pela exploração do trabalhador – a categoria trabalho foi bastante analisada pelo marxismo, na qual se observa a relação entre o homem e a natureza mediada pelo trabalho.

O marxismo se encarrega, portanto, de tornar clara as características do capitalismo, criticando seu modo de desenvolvimento, muito embora aponte para aspectos positivos da modernidade obtidos em comparação a outros momentos na história. Em suas obras, Marx aponta para uma valorização da história, diferentemente de Weber que a considerava apenas como um recurso comparativo. A historicidade, em Marx, representa-se de forma fundamental para a compreensão das relações sociais, como também para a análise dos acontecimentos peculiares à modernidade, como ressalta Ianni (1992):

Para Marx, em última instância, a historicidade, ou seja, a transitoriedade do capitalismo, depende do desenvolvimento desses antagonismos e lutas. Fundamentalmente, o confronto por meio do qual o capitalismo entra em colapso final é o confronto entre o proletariado e a burguesia, pois que, para ele, essas são as duas classes substantivas do regime (IANNI, 1992, p. 14).

Essas transformações revelam contradições que serão consideradas, para Marx, características da modernidade. Esta, por sua vez é marcada pela necessidade de inovações que se faz por meio da exploração do trabalho industrial, revelando um antagonismo entre duas classes: burguesia e proletariado. “A verdade

é que, desde que começou a formar-se, o proletariado teve de lutar contra a expropriação inerente às relações capitalistas de produção” (IBID., p. 28).

Embora Marx aponte um “caminho” para a investigação social, ele não se preocupou em elaborar um método a ser utilizado por outros pesquisadores. Apontava, entretanto, para a necessidade de observar a realidade na medida em que ele se deteve em estudar e elaborar sua obra tendo como base a consolidação de uma sociedade capitalista. Dessa forma, o pensador tratou de elaborar suas obras sobre as relações sociais, tendo base em estudos sobre a economia, a filosofia, a religião, etc. Suas elaborações focam o século XVIII, cheio de transformações.

A minha investigação desembocava no resultado de que tanto as relações jurídicas como as formas de Estado não podem ser compreendidas por si mesmas nem pela chamada evolução geral do espírito humano, m anatomia da sociedade civil as se baseiam, pelo contrário, nas condições materiais de vida cujo conjunto Hegel resume, seguindo o precedente dos ingleses e franceses do século XVIII, sob o nome de “sociedade civil”, e que a anatomia da sociedade civil precisa ser procurada na economia política. (MARX, n/d, p.301)

Dentre as transformações ocasionadas com a modernidade, a instituição das máquinas representa um ponto relevante a considerar a disputa entre as classes sociais diante de consequências negativas ao proletariado. “Já nos primeiros momentos do capitalismo, a burguesia ascendente tende a usar todo o poder do Estado para acelerar a reprodução do capital e, ao mesmo tempo, destruir ou incorporar os remanescentes do feudalismo” (IANNI, 1992, p. 36).

Dessa forma, algumas transformações são reveladas quando Marx (n/d, p, 302) afirma que “As relações burguesas de produção são a última forma antagônica do processo social de produção; antagônica, não no sentido de um antagonismo individual, mas de um antagonismo que provém das condições sociais de vida dos indivíduos”.

Outro autor que também contribui de forma significativa aos estudos sobre a teoria social de Marx é Friedrich Engels. Quando este elabora a obra *A “Contribuição à Crítica da Economia Política” de Karl Marx*, faz um resgate da sociedade moderna e sua relação com o marxismo quando afirma que

A economia política é a análise teórica da moderna sociedade burguesa e pressupõe, portanto, condições burguesas desenvolvidas, condições que

depois das guerras da Reforma e das guerras camponesas e, sobretudo, depois da Guerra dos Trinta Anos, não podiam ocorrer na Alemanha antes de passarem vários séculos. (ENGELS, n/d, p. 304)

Assim, é possível considerar que Marx representa-se um pensador de fundamental importância nos estudos sobre a sociedade moderna, alcançando questões presentes no mundo atual. Tal afirmação não nos leva, entretanto, a considerar que sua teoria é capaz de explicar tudo, mas revela fortes discussões e estudos importantíssimos no âmbito das Ciências Sociais.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise feita por Marx, no contexto da modernidade, permite observar a presença de uma relação entre burguesia e proletariado diante das transformações ocasionadas no mundo do trabalho. Se tratando desse período específico - a modernidade - tal realidade apresenta diversas características que revelam uma alienação, como o próprio pensador afirma, frente a um sistema que impõe ao indivíduo maneiras de ser ou pertencer que não condiz com a realidade da maioria da sociedade.

A verdade é que, para o pensador em debate, a sociedade moderna representou um foco em suas análises, pois a partir dessa realidade, como também de suas transformações, as obras clássicas foram elaboradas no sentido de observar, entender ou explicar o contexto da época, seja tomando a luta de classes entre burguesia e proletariado.

A reflexão realizada neste artigo, longe de esgotar a discussão sobre a temática, tratou da relação entre as teorias sociais clássicas, em específico o pensamento marxiano, e sua relação com a modernidade. A esse contexto, somam-se questões fundamentais para a compreensão da sociedade atual, quando o pensador considera a consolidação do capitalismo junto à modernidade.

É possível perceber, no decorrer do texto, que vários elementos referentes às teorias de Marx não se fizeram presentes nesta reflexão, pois requeria uma discussão mais ampla. No entanto, os elementos sistematizados representam um ponto de partida para a compreensão de sua Teoria, possibilitando um aprofundamento em estudos posteriores acerca desse tema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COHN, Gabriel. **Weber** – Sociologia. 5ª Ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 7-34.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Estruturalismo e miséria da razão**. 2ª Ed São Paulo: Expressão Popular, 2010. Cap. 1.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 17ª Ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2002.

ENGELS, Friedrich. A Contribuição à crítica da Economia política de Karl Marx. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas**. – vol 1. São Paulo: Editora Alfa-Omega n/d.

GIDDENS, Ant. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.  
IANNI, O. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. (org.). **Marx** – Sociologia. 7ª Ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 7-42.  
LOWY, MICHAEL. **Ideologia e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 19. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MARX, Karl. Posfácio. Contribuição à crítica da Economia política. IANNI, O. (org.). **Marx** – Sociologia. 7ª Ed. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. Prefácio à “Contribuição à crítica da Economia política”. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas**. – vol 1. São Paulo: Editora Alfa-Omega n/d.  
RODRIGUES, José Albertino. (org.). **Durkheim** – Sociologia. 7ª Ed. São Paulo: Ática, 1995, p. 7-38

ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal-estar na Modernidade**. 1ª reimpressão São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez/UNICAMP, 1992. Vol.2. p. 313-348.